

ENTREVISTA

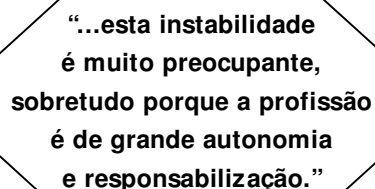
Ana Silva Pinto critica transformações rápidas e pouco estruturadas na Saúde

"Já estamos a desfavorecer o SNS"

Interna de Psiquiatria e dirigente do SMZC, Ana Silva Pinto considera que as transformações na Saúde "estão a ser muito rápidas e pouco estruturadas" e podem ter "consequências danosas" para o SNS. Lamenta ainda a instabilidade que rodeia os jovens médicos, impedidos de progredir numa carreira.

"Tempo Medicina" - Na sua opinião, quais têm sido, ou serão, as consequências, para a profissão médica, das transformações que ocorreram no sector da Saúde nos últimos tempos?

Ana Silva Pinto - As transformações estão a ser muito grandes, muito rápidas e pouco estruturadas, o que deixa preocupações, porque as consequências podem ser muito danosas para o SNS, com implicações para os doentes. Para os médicos, esta instabilidade é muito preocupante, sobretudo porque a profissão é de grande autonomia e responsabilização. Por um lado, a qualidade da Medicina poderá diminuir, condicionada por estas transformações, por outro, os médicos não sentem que têm as condições de trabalho exigíveis para um bom desempenho.



"...esta instabilidade é muito preocupante, sobretudo porque a profissão é de grande autonomia e responsabilização."

"TM" - Qual será o futuro do SNS?

ASP - O SNS é uma conquista enorme que resultou do nosso percurso de democracia. O País cresceu muito e a nível da Saúde cresceu muito bem, a ponto de sermos considerados um serviço nacional de referência, a nível nacional e internacional. Mas com todas as transformações, há áreas do SNS que estão a desmoronar-se, e isso é preocupante. Passámos de um 12.º lugar para um 19.º, em termos de OMS, o que quer dizer que já estamos a desfavorecer o SNS. O nosso SNS tinha algumas deficiências, pontos a melhorar, se calhar podia ter uma gestão melhor, mas continua a ser um excelente serviço nacional de Saúde. Devemos fazer tudo para o conservar.

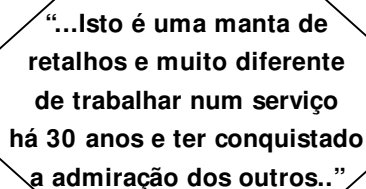
"TM" - Como vê o crescente recurso aos contratos individuais de trabalho?

ASP - O Sindicato dos Médicos da Zona Centro (SMZC) fez um levantamento e há, no mínimo, entre 1000 a 1500 médicos nesta situação. Os colegas que terminam a especialidade acabam por não ter acesso à carreira e ficam com contratos individuais, que são outra alteração que cria situações de grande disparidade. O médico com contrato a termo certo tem a sua liberdade um pouco condicionada. Num contrato sem termo estão salvaguardadas algumas condições de trabalho e alguma estabilidade, mas não há acesso a uma carreira. Temos colegas nesta situação há seis ou sete anos, que já poderiam estar a progredir na carreira.

"Os melhores contratos"

"TM" - Pensa que aos 50 anos terá as mesmas condições profissionais, seja em termos de prestígio social e entre pares, seja em termos económicos, dos médicos que hoje estão nessa faixa etária?

ASP - Infelizmente as coisas alteraram-se muito, inclusive o papel dos médicos na sociedade, e hoje não gozamos do mesmo prestígio social de há uns anos, e não preconizo uma curva ascendente. O que os jovens médicos vão ter de conseguir é os melhores contratos nos melhores sítios, trabalhar em vários locais e para empresas que diminuem a sua autonomia, para terem um ordenado razoável. Isto é uma manta de retalhos e muito diferente de trabalhar num serviço há 30 anos e ter conquistado a admiração dos outros.



"...Isto é uma manta de retalhos e muito diferente de trabalhar num serviço há 30 anos e ter conquistado a admiração dos outros.."

Alguns especialistas até poderão vir a ter ordenados maiores, mas haverá outros que ganharão muito menos e com piores condições. Devemos oferecer resistências.

"TM" - Acha que dentro de pouco tempo haverá desemprego médico?

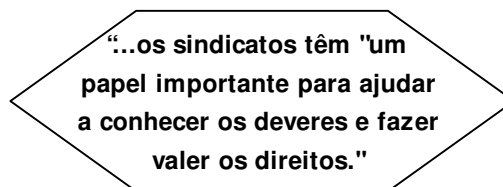
ASP - Espero que nunca haja desemprego médico em Portugal, mas é um receio. Tem havido um aumento de vagas em Medicina, que era necessário, mas temos de ver se já não atingimos a meta suficiente, porque isso também põe em causa a qualidade do ensino, e o Estado está a investir muito para formar médicos que podem ficar desempregados. O desemprego médico é um mal que para alguns, como as seguradoras ou os privados, pode ser um bem, pela mão-de-obra barata.

"TM" - As carreiras médicas são importantes para os jovens médicos? Pensa que estão condenadas à extinção, como alguns vaticinam?

ASP - As carreiras médicas foram um progresso enorme do ponto de vista da garantia da diferenciação técnico-científica, da progressão, e são fundamentais para os jovens médicos. Também queremos progredir, ser avaliados, mas o que está a acontecer aos jovens médicos é que não sabem quando ingressarão numa carreira e qual vai ser. As carreiras, tal como estavam no Dec.-Lei 63/90, vão ser alteradas e a Fnam já apresentou a sua proposta, à qual não teve resposta. Parece haver uma estratégia de minar as carreiras, não terminando com elas por decreto-lei, mas também não abrindo a possibilidade de se lhes aceder. É certo que continuam a existir, a maior parte dos nossos colegas ainda estão na carreira. E não podem acabar, têm é de transformar-se. A alternativa poderá ser através de um acordo colectivo de trabalho que forneça condições semelhantes.

O papel dos sindicatos

Ana Silva Pinto é interna do 5.º ano da especialidade de Psiquiatria do Hospital do Lorvão, que agora faz parte do novo Centro Hospitalar Psiquiátrico de Coimbra. Com 32 anos, cumpre o segundo mandato como dirigente do Sindicato dos Médicos da Zona Centro, onde é secretária na direcção, e pertence também ao Conselho Nacional da Federação Nacional dos Médicos (Fnam).



"...os sindicatos têm "um papel importante para ajudar a conhecer os deveres e fazer valer os direitos."

Dos tempos de estudante em Coimbra ostenta o orgulho de ter sido "república", tendo residido na República Marias do Loureiro, e foi fundadora da Associação Portuguesa de Internos de Psiquiatria.

Sempre entendeu que os sindicatos tinham "um papel importante para ajudar a conhecer os deveres e fazer valer os direitos", e afirma que "o sindicalismo é essencial para a democracia". Por isso, logo que terminou o curso sindicalizou-se. Depois, a convite de um colega do hospital, começou a frequentar as reuniões do sindicato, passando a integrar as actividades da estrutura.

"O Estado não pode deixar cair a formação médica"

"TM" - Está de acordo com o aumento de vagas para Medicina, como preconizava o ex-ministro da Saúde?

ASP - Foi importante aumentar o número de vagas nos últimos anos, porque de facto havia carência de médicos. Mas chegará a altura em que vai ser necessário estabelecer novamente uma barreira, já estamos a formar mais médicos do que aqueles que temos capacidade para formar, o que quer dizer que a formação não é a ideal. Mas há quem queira aumentar o número de vagas para ter médicos a baixo custo.

"TM" - A formação médica é frequentemente pouco valorizada pelos hospitais e pelos órgãos tutelares da Saúde. Dada a política de contenção económico-financeira vigente, a qualidade da formação pode estar em causa?

ASP - É um dos perigos, porque formar médicos é muito caro, implica bastante tempo, e para um modelo de gestão ágil, liberalista, que queira tirar rendimentos a curto prazo, um médico em formação, que tem menos capacidade de produção, torna-se desinteressante. A menos que queiram

- e espero que isso não se verifique -, mesmo durante a formação, rendibilizar ao máximo o interno, vendo-o como alguém que trabalha muito a custos baixos. O Estado não pode deixar cair a formação médica se os privados, porque fica cara, não a aceitarem.

"TM" - Poderemos vir a ter maus médicos no futuro?

ASP - Espero que não. É possível que dado o número crescente de internos em formação, tenhamos médicos com piores condições de formação do que hoje. Quando eu entrei já eram turmas enormes, e com algumas limitações do ponto de vista de observação dos doentes nos serviços, e agora entra quase o dobro dos internos.

"TM" - Uma nova realidade é o número crescente de médicos estrangeiros a trabalhar em Portugal? Como encara esta situação?

ASP - Isso, por si só, não é mau, diria que até poderia ser bom, uma vez que temos falta de profissionais e eles ajudam a suprir alguns défices que existem. Mas esses médicos estrangeiros têm de vir com boa formação e ter as condições formativas para garantir que são capazes de assegurar bons cuidados às pessoas.

"TM" - Os médicos mais velhos lamentam que as novas gerações tenham pouco interesse pelos problemas da classe e não participem mais activamente na "vida médica". Concorda?

ASP - Concordo que os médicos mais jovens participam menos, são menos activos e estão mal informados. Talvez por termos uma sociedade cada vez mais individualista, com a agravante de a profissão ser muito exigente e o estudo condicionar uma maior participação. Os jovens médicos têm, de certa forma, uma situação laboral precária e há uma alguma aversão a ingressar em estruturas como os sindicatos e a Ordem, que levam a obrigações que pensam que podem prejudicar o tempo de trabalho.

Helena Nunes, in TEMPO MEDICINA 1.º CADERNO de 2008.02.18